

Especial Senar-RS 25 anos

Sob três pontos de vista

DIRIGENTE



Gilmar Tietböhl
Superintendente do Senar-RS

Considerando as duas passagens pelo Senar-RS, Gilmar Tietböhl soma treze anos de dedicação à entidade. Ocupou a superintendência entre 2000 e 2006, retornando em 2011. Nesse meio tempo fora, foi diretor-geral e depois secretário da Agricultura do Estado, durante a gestão da ex-governadora Yeda Crusius. Fala com orgulho da trajetória de duas décadas e meia do Senar-RS, ao mesmo tempo que projeta novos horizontes.

Sul Rural - Qual a missão do Senar-RS?

Gilmar Tietböhl - O Senar-RS opera em duas vertentes distintas. Uma delas, a Formação Profissional Rural, objetiva levar aos trabalhadores e produtores rurais conhecimentos técnicos, práticas produtivas, conceitos e ferramentas de gestão, buscando dar-lhes condições de produzir com mais qualidade, com respeito ao meio ambiente, com maior produtividade e, por consequência, com melhor renda. A outra é a Promoção Social, que abrange atividades relacionadas a temas como saúde, cultura, esportes, convivência social, entre outras, tendo como objetivo melhorar a qualidade de vida das pessoas que trabalham no meio rural.

SR - Como foram esses 25 anos?

GT - Foram de permanente transformação. Inicialmente, nossos cursos tinham curta duração e não chegavam a transmitir conhecimentos mais amplos, de forma a atingir uma competência completa em cada atividade laboral no campo. Atendíamos, com isso, apenas aspectos específicos da produção. Embora altamente benéficos aos produtores e trabalhadores rurais, esses conhecimentos isolados atingiam seus objetivos, mas, no geral, não chegavam a completar a competência necessária. Aos poucos, fomos agrupando esses conhecimentos em programas com cargas horárias maiores, o que permitiu maior eficácia à nossa ação educacional. Hoje, tanto os diversos programas de Formação Profissional Rural, quanto os cursos isolados, constituem ferramental expressivo à disposição do meio rural e conseguem transferir tecnologias e conhecimentos com melhores resultados.

SR - Qual o maior desafio nesse trabalho?

GT - São muitos. Diferentemente dos núcleos urbanos, providos de prédios, meios de transporte etc., nosso trabalho tem especificidades próprias do meio onde atuamos. No geral, nossa sala de aula é

a propriedade rural, as distâncias que os alunos têm de percorrer para concluir os cursos às vezes são grandes, e os horários de trabalho no campo algumas vezes nos condicionam a adaptações. Por exemplo: para cursos de fruticultura, precisamos de um pomar; para cursos de mecanização agrícola, precisamos de máquinas e local para operá-las; para curso de pecuária, precisamos dos animais e também de local adequado. Outro grande desafio é a atualização dos nossos cursos, de forma a que não corramos o risco de levarmos conhecimentos defasados aos nossos alunos. Além disso, as inovações tecnológicas são permanentes e nem sempre conseguimos acompanhar a velocidade desse processo. Desde meados do primeiro semestre de 2018, por determinação do nosso presidente [Gedeão Pereira], estamos, entre outras

“Foram 25 anos de permanente transformação”

SR - Para onde vai o Senar-RS?

GT - Hoje em dia, em termos tecnológicos, quando se fala em futuro, podemos estar falando das próximas 24 horas ou da última semana. Ou seja, a tecnologia não para de avançar. Seguramente, foi a produção rural o segmento da economia que mais avançou nas duas últimas décadas, especialmente na última. Por isso, estamos dando especial atenção às inovações tecnológicas, procurando aproximação com as universidades e, em especial, com as chamadas *startups*, que são empresas dedicadas a essas inovações, geralmente formadas por pessoas jovens e empreendedoras. Esses movimentos nos permitirão levar ao meio rural instrumentos capazes de melhorar a produção em todos os seus aspectos. Assim, o que projetamos para o futuro é uma permanente e mais veloz transformação da nossa ação educadora. Um desafio e tanto, que vamos encarar com disposição.

ações estratégicas, revendo todo o nosso portfólio de cursos e programas. Ou seja, cuidando da atualização dos conhecimentos que repassamos ao meio rural.

PRODUTOR



Angélica Abreu
Pecuarista da fazenda Tambo do Lageado, de Alegrete

Natural de Alegrete, Angélica Abreu, 26 anos, é uma aluna fiel dos cursos do Senar-RS. Aliás, ela e toda a família, que gerencia junta a fazenda Tambo do Lageado, com foco na produção de leite. Entre Angélica, o irmão Gilberto, e os pais Nelson e Almancina, são mais de 130 certificados guardados em casa. Mas a maior conquista está fora dela: o rebanho de qualidade, que traz mais renda e confiança para continuar investindo.

Sul Rural - Como era a propriedade no início?

Angélica Abreu - Meus pais, há 17 anos, mudaram da cidade para uma propriedade do interior. A gente começou com três vacas emprestadas, depois passamos para cinco... Tínhamos uma produção total de 25 litros/dia. Chegava no período de entressafra, que não tem pastagens de inverno ou de verão, diminuía para 15 litros. Era essa a nossa renda. Hoje, estamos com 35 vacas em ordenha, com perspectiva de chegar no pico do inverno, que é a nossa safra, com 50. Temos uma produção média de leite por vaca entre 25 e 27 litros, enquanto antigamente era de 3 a 5. Foi uma mudança significativa, pela qualidade do gado, da comida que ele ingere, da terneira quando se torna vaca.

SR - Como chegou ao Senar-RS?

AA - Terminei o ensino médio e sonhava em fazer medicina veterinária, mas meus pais não tinham condições de pagar. Não tinha no município, teria que cursar fora, pagando aluguel. Pouco tempo antes, um técnico, que era extensionista da Emater, falou para nós de uma instituição que dava curso e era de graça. Quando meus pais começaram, a gente [ela e o irmão] não tinha com quem ficar em casa e acabava indo junto. Ao 16, que é a idade mínima para vários cursos, passei a me especializar de verdade e ter autonomia para fazer as coisas do jeito que eu queria. Então fui me tornando profissional, mesmo sem curso superior.

SR - No que o Senar-RS ajudou?

AA - No início, tínhamos vários problemas que todo mundo que está começando na atividade passa, como mastite em vaca. A gente não sabia como criar terneira, aplicar remédio, coisas bem básicas, porque a minha família é realmente oriunda da cidade. A minha virada, particularmente falando, foi aos 18 anos, com um curso de inseminação artificial. A partir dele, consegui

melhorar geneticamente o nosso gado e terceirizar esse serviço na comunidade. Ou seja, melhorou a nossa qualidade e a dos vizinhos. Foi ali também que passei a ter um contato mais direto com as pessoas, conhecer novas realidades, ter uma troca real de experiências.

SR - O trabalho chamou a atenção na volta?

AA - Quando apareceram os primeiros resultados, [a informação] correu muito pelo boca a boca. Umas quantas propriedades que tinham duas, três vaquinhas mansas para tirar leite do consumo, despertaram para a questão. Eu cobrava o deslocamento, a dose e uma taxinha de serviço, e acabava muito mais em conta do que chamar alguém da cidade. A verdade é que grande parte da comunidade, dos produtores pequenos, não tinha sequer noção de como poderia melhorar suas vacas. O mais próximo disso que faziam era levar num vizinho que cobrava por uma cobertura de touro comum. Essa é a importância de se ter uma instituição como o Senar-RS, que valoriza a tecnologia e

“A gente não sabia como criar terneira, aplicar remédio”

dá um curso gratuito sobre coisas que as pessoas, muitas vezes, não conhecem ou não têm acesso. É toda uma mudança de pensamento, de cultura.

SR - Centro e trinta cursos... Pretende fazer mais?

AA - Sim, penso em fazer alguns mais específicos, como o de solda, nessa parte de manutenção de máquina. Quero fazer o de operador de trator, mais algum sobre criação de terneira... Fiquei sabendo que esse tem umas novidades interessantes. Não dá para parar muito no tempo, senão o negócio fica defasado. Estabiliza e não cresce.

SR - O que o Senar-RS representa para vocês?

AA - Qualidade de vida. Porque mudou muita coisa por aqui.